

Por que tanta festa

É claro que a movimentação festiva em torno dos 30 anos do Plano Real incomoda o governo. Eles sempre foram contra e nunca recuaram.

Talvez seja mesmo por aí a explicação para tanto interesse nessa efeméride: é um protesto. Uma cutucada para bom entendedor.

30 anos é uma data de muito peso, é verdade. Mas os outros aniversários do real em datas redondas, as de número 25, 20, 15 e 10 e 5, passaram praticamente em branco, ou quase. E antes disso era muito cedo para cantar vitória.

Por que a ficha caiu apenas no 30º ano?

Não é porque só agora percebemos o tamanho da conquista, ou tardiamente nos demos conta que a tese da herança maldita era uma tolice sem tamanho, coisa de gente ciumenta, ou ruim da cabeça e doente do pé, como na expressão do samba de Dorival Caymmi.

A explicação para essas comemorações tão efusivas tem a ver com as aflições do presente.

É claro que é um protesto.

Sutil e civilizado, mas um protesto sim. Saudades da melhor versão de nós mesmos.

Lembrar das seleções brasileiras do passado pode ser uma maneira educada de lamentar o que temos hoje, não?

O fato é que Lula e seu ministro da Fazenda estão muito parecidos com as lideranças anteriores a 1994, tanto pelos diagnósticos econômicos destrambelhados, quanto pela retórica que subestima a inteligência dos chamados agentes econômicos.

O maior dos erros no terreno da política econômica é achar que as pessoas não entendem o que está se passando e não sabem fazer conta.

As falas do Presidente sobre política fiscal e sobre o Banco Central são lamentáveis, ainda que não totalmente incomuns entre políticos. Todavia, essas explosões não são tomadas ao pé-da-letra quando o comando da economia possui personalidade.

De seu lado, para não confrontar o Presidente, o ministro se abraçou com a ideia de fechar as contas pelo lado da receita, porém, segundo afirma, sem aumentar os impostos.

Como assim?

O carro que não precisa de combustível, a produção de energia a partir do pensamento, bem como o almoço grátis sempre foram muito populares. Era típico de Brasília no tempo da hiperinflação.

Mas agora?

Levou alguns meses para o ministro perceber que os impostos já são muito altos, além de complexos. Não há nenhuma solução fácil dormitando numa gaveta em Brasília, nem ineficiências óbvias ou milagres e as contas da Receita sobre renúncias e subsídios não são o que parecem.

Não obstante, o ministro largou o que estava fazendo para ir conversar sobre a taxa global dos super ricos com o Papa. Quem sabe não ouviu uma boa sugestão para o sucessor de Roberto Campos Neto.